

CLÁUDIO CÂNDIDO



ESTÉTICA
DE
MATAMATÁ



Edufac

CLÁUDIO CÂNDIDO

ESTÉTICA
DE
MATAMATÁ



Edufac

EDUFAC 2018

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),
Campus Rio Branco, BR 364, km 4,
Distrito Industrial — Rio Branco-AC, CEP 69920-900
68. 3901 2568 — e-mail edufac.ufac@gmail.com

Editora Afiliada: Feito Depósito Legal



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

CLÁUDIO CÂNDIDO

ESTÉTICA
DE
MATAMATÁ



Edufac

ESTÉTICA DE MATAMATÁ

ISBN 978-85-8236-025-5

Copyright © Edufac 2018, Cláudio Cândido
Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac
Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

DIRETOR

José Ivan da Silva Ramos

CONSELHO EDITORIAL

Carromberth Carioca Fernandes • Délcio Dias Marques • Esperidião Fecury Pinheiro de Lima • Humberto Sanches Chocair • José Ivan da Silva Ramos • José Porfiro da Silva • José Sávio da Costa Maia • Leandra Bordignon • Lucas Araújo Carvalho • Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida • Maria Aldecy Rodrigues de Lima • Rafael Marques Gonçalves • Rodrigo Medeiros de Souza • Rozilaine Redi Lago • Selmo Azevedo Apontes • Sérgio Roberto Gomes de Souza • Silvane da Cruz Chaves • Simone de Souza Lima.

COORDENADORA COMERCIAL

Ormifran Pessoa Cavalcante

EDITORA DE PUBLICAÇÕES

Jocília Oliveira da Silva

DESIGN EDITORIAL / CAPA

Rogério Correia

REVISÃO DE TEXTO

Gisela Maria de Lima Braga Penha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Ufac.

C217e Cândido, Cláudio.
Estética de matamatá / Cláudio Cândido. – Rio Branco: Edufac, 2018.
35 p.
ISBN: 978-85-8236-025-5
1. Literatura brasileira – Poemas. 2. Poemas. I. Título.

CDD 22. ed. B869.1

Bibliotecária: Vivyanne Ribeiro das Mercês Neves. CRB-11/600.

OBRAS DO AUTOR

Derivas etílicas & Sacos sarcásticos (2011)
Tolices românticas & outros poemas (2018)

APRESENTAÇÃO

Na poesia tudo cabe e tudo escapa. Sem tempo próprio para existir, a poesia pode surgir de onde menos se espera, sendo a infância seu grande poço. Longe de ser um esgarço, a poesia nasce por ela sendo filha dela mesma, deixando o poeta órfão.

Assim surgiu este livro de Cláudio Cândido, pseudônimo de Kissinger C. de Barros, jovem contista e poeta amazonense, radicado no Acre.

Esta obra pertence a ela mesma. Enganado, penso eu possuí-la. Assim como não mais possuo minha infância, mesmo sendo tão somente minha.

Infância é poço sem fundo. Só a poesia pode alcançá-la. Às vezes, mergulhado no poço das minhas memórias, a feiúra e a negação de um cágado, afeito aos padrões de beleza, escritos despalavreados, como um bobo sentado num galho, a consagração de desdizer verbos, e, finalmente, as insígnias de velhos desditosos que insistem e persistem em manter-se intactos.

Quando menos se esperava, ela, a poesia, batia à porta. Tinha necessidade de nascer urgente. Ser colhida, mesmo que com um balde das profundezas da memória, como que numa necessidade de banhar-se de palavras retiradas de uma cacimba, o misto de prazer e tristeza.

O poeta treme frente à força tão grande. Escapar a ela, à poesia, impossível.

Os poetas não são decifradores. Antes são, frente à poesia, meros tradutores, veículos para as palavras. Poetas já nascem grávidos?

PREFÁCIO

Vão dizer que não existo propriamente dito.

Que sou um ente de sílabas.

(Manoel de Barros, o Poeta)

*Olha só: esse caboclinho amazonense voou fora da asa!
Correu da beira do rio com uma vazante no ventre. Plantou infâncias,
colheu nascimentos. Amanheceu em cotias. Enquanto.*

*Me representa que ele esticou a corda bamba do horizonte
e tropicou no outro lado. Me entende? Poderia brotar bromélias nos
poros. Ou trazer coaxo de sapo no olho. E pois.*

*Vadiou nas matas de sua infância e se deixou levar por um
sorriso pendurado numa árvore, um medo perdido no lodo, o bodoque
da vida lançado ao alto. Sinto-o passear nas trilhas dos poemas: pleno
de desconhecimentos, repleto de nada e perplexo com a descoberta de
um mundo todo por se inventar.*

*Uma das traquinagens dessa criança, nascida grávida, foi
pular corda com palavras. Isso mesmo: esse moleque serelepe virou
o alfabeto de ponta cabeça. Inventou um novo brinquedo de letras:
fez um verbo exalar o cheiro da manga, um substantivo bebericar o
orvalho ou pronomes brincarem de gangorra.*

*Na picada aberta pelo poeta, corremos labuzados de vento
e chegamos ao começo da cor. O caboclo amazonense nos convida à
vereda da vida ribeirinha: seus habitantes, seus trejeitos, seus dialetos.
Mas o poeta não caminha só. Em suas aventuras, depara-se com
Apuleio aqui, índio Rogaciano acolá, e Bernardo brinca de esconde-
esconde nos vãos dos versos. Manoel de Barros forma um profundo
manancial que irriga a poética de Claudio Cândido, ele também se
esbaldando nas grandezas do ínfimo, na criancice dos fonemas, na
sandice das palavras.*

*A voz do poeta é parto. E há poetas que parem poemas e há
poetas que parem poetas. Em **Estética do Matamatá** são os poemas*

que parem o poeta: um ente de sílabas, que existe propriamente dito no mundo que inventou pra si; no verso escrito, no corpo inscrito. Não é o tipo de coisa que se fala sem ferver por dentro. É como morder os lábios da noite.

Nessa metamorfose poética, Cláudio Cândia traz a verve do verbo reverberando na vida. Quiçá o leitor, assaltado por suas insígnias, possa se deixar levar pelos devires poéticos e experimentar os diversos outros – de si mesmo.

RICARDO MATTOS

PRIMAVERA DE 2015.

SUMÁRIO

DESPALAVRAS.....	15
<i>Despalavras.....</i>	<i>17</i>
<i>A porta fechada.....</i>	<i>18</i>

AS INSÍGNIAS	23
<i>As insígnias</i>	<i>25</i>

ESTÉTICA DE MATAMATÁ	31
<i>Estética de matamatá.....</i>	<i>33</i>
<i>Samaumeira.....</i>	<i>34</i>

1ª PARTE

DESPALAVRAS

“As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças”
MANOEL DE BARROS

DESPALAVRAS

Quero consagrar-me de despalavras

Desdizer verbos

Sentir-me gramática das árvores

Substantivos alagados

Como caboclo amazonense

Só sei a língua dos peixes

O vocábulo das aves

Tambuatá, respiro pela pele

Mergulho na lama

Nasci para viver em dois mundos

Conhecer a cosmicidade de panelas pretejadas

Poder tirá-las do fogo sem queimar as mãos

A PORTA FECHADA

*Duas horas, trinta e um minutos, cinco segundos
E quatro centésimos de segundo, a porta se fecha.*

Chegou a hora:

O sino da capela bate

A maçaneta se retorce

A porta fechada...

Em badaladas irrompem os pregos

Precisando ser arrancados

Pregos, pregos...

Melhor chamar marceneiro

Ele possui as ferramentas certas

Só palavras não bastam

É preciso tirar-lhes o limalho

Correndo o veado

Revisitou os cascos

Descobrimo corisco ruminado por relâmpagos

Oblongo é o grão de areia

Se fosse espim de murumuru

O veado ia palestrar sentado num tronco com os vermes

Cotia corre mais que Usain Bolt

Mas nunquinha colocou medalha no peito

Sequer parou abestalhada para apupos

Cotia não gosta de ser ovacionada?

Correndo, a cotia encontrou o fim da luz

*Parada, o começo da cor
Para que as medalhas
Quando se pode lambuzar-se de vento?
O homem mais triste que conheci
Foi vendedor de algodão doce
Quem sabe por ele deixar nuvens rosas
Pousarem em seu ombro
Tinha olhar cheio de água e vagar
Se fizesse escambo com o mar
Ia ser gaivota
Para atravessar mar de nuvens doces
Coberto de azul
Vendedor de algodão doce é triste
Por se sentir ripunado de viver
Vender nuvens deve ser negócio de família
Filho dele negocia arco-íris?
Lá no Amazonas
Entre os meses de janeiro, fevereiro e março
Quando os rios perfilam liquidez alvoroçadas
Caboclo de nome Chiquinho
Só por ser diminutivo
É ser quase invertebrado
Deitam num galho finim-finim
Caboclo Chiquinho
Lá de cima, tem medo de cair, não
Por que lá embaixo, só brandura d'água
Chiquinho caboclo ronca como motor de batelão
Versado em lumes*

*Bem que as mariposas e morcegos poderiam levá-lo
Para bromélia ali perto, em tronco macilento
Para ele sonhar seu microcosmo
Paizinho, meu avô materno, quase nunca falava
Não lembro de palavras ditas por ele
Paizinho fora enganado pelos verbos?
Se soubesse conjugar verbos
Quem sabe o verbo mimetizar
Paizinho era onça
Todo pintado e macio
Sabia comer jabuti sem estraçalhar o casco
Depenar nambu galinha como mulher cabocla
Calado, Paizinho esquadrejava território
Compassando todo o mundo com seus arremedos manchados
Paizinho, com medo do bicho homem
Por saber que os homens preferem os pássaros
No dia que a onça não bebeu água
Subiu na cedroarana e cantou como uirapuru
Tio João era profundo conhecedor da mata
De sua complexidade e segredos
Com ele, tio João, as cobras e outros animais peçonhentos e a
chuva
Tinham tempo certo para aparecer
Como se fossem seus amigos mais íntimos
Sabedor de segredos, como pajés, de tribos extirpadas
Velho bebedor de cachaça destemido
Mascador de tabaco e de espirros assombrosos:
- Eh, diabo, eh, diabo!*

Bicho da mata bruto, sabido, namorado de Gaia, cortador de gírias...

Caçador de macacos e exímio varejador

Rosto forte, bigode frondoso, pés achatados

Sempre descalço, corpo sempre exposto

Tio João não precisa dizer quem era

Quando se vestia para ir à cidade, via homem estranho

De gestos e roupas afeitos à moda

Era desses homens que as palavras não explicam

Poucas palavras e muito suor

Seus lemas espartanos de vida

Seus cabelos, lambidos, escorregadios

Seus ombros, largos

Ele mostrou-me os segredos dos ritos de passagem

O valor tênue que difere um menino de um homem:

- Quem manda é o braço. Quem corta é o aço

O aço foi seu fim

Seus amigos todos da mata viram-no, na despedida, deitado

Seu rosto estava iluminado por uma luz branca artificial

Nada, enfim, era mais seu.

Tio João tornara-se domínio público da floresta

Nesse dia, vi pela última vez os bichos falarem

Velando-o em cortejo colorido

Enchendo de oralidade a mata

2ª PARTE

AS INSÍGNIAS

*Meu pai sempre fora contador de histórias
Velho narrador de lendas e encantador de criança
Velho de verdades absurdamente ditosas
Quando a noite caía, bichos dançavam na sala
Apinhando de imagens nossos pensamentos
Quando ele cantava, homens destruíam pimenteiras só com olhares
Transmutavam-se em bichos, troncos velhos, peixes e aves
Graças ao meu pai
Mercador de nuvens
Seres galopantes vagavam em nossos horizontes
E nuvens tenebrosas ocupavam nossos sonhos
Adultos, descobrimos o ardor das pimentas destroçadas
O sabor picante das narrativas
E continuamos a regatear histórias de bichos para outros tapiris
Subindo e descendo barrancos
Lá pelos rios do Amazonas*

AS INSÍGNIAS

*Olhe
Veja nos ombros e no peito
Em todo o corpo
Aqueles insígnias
São de um velho homem
Feito e refeito de suas batalhas
Mas derrotado em sua amplidão
Disfarçada de pequenezes temporãs
São lindas e brilhantes suas insígnias
Têm diferentes tamanhos e cores
Foram longos anos para pô-las
Sobre a farda azul-celeste
Seus ombros já estão cansados
É grande o peso que carrega
Já não existe sorriso em seu rosto
É infeliz, não tem filhos, esposa, pais...
...Todos mortos*

[Tantas batalhas

*Antes da morte ele não guardará sua farda
Suas insígnias
Não as dobrará com zelo
Seus últimos símbolos serão da cor de sua vida:
Escuros
Escuros como seus olhos todos escuros
Até a retina, escura
Por onde viu a vida passar sem cores
Ninguém chorará em seu enterro
Porque não existirá
Nem flores ou lágrimas
Cânticos ou conversas ou sepultura
Ele e sua farda tornaram-se de gesso ou mármore
Ficarão em cima de sua mesinha de canto
Expostos num museu sem visitantes
Não existirá qualquer história ou qualquer escrito que o
descreva
Em suas histórias de guerras e conquistas
De mortes em sua morte ditas
Em sua tez (des)escrita*

Vê aquele velho índio com seus passos lentos retirar a canoa e remar para a outra margem do rio, mergulhando na floresta?

Siga-o. Não tenhas medo

Se acaso ele pescar, caçar, colher frutos da mata, for picado por insetos, sujar os pés com lamas e folhas, for espetado por espinhos dos mais resistentes como os de murumuru, faça o mesmo e tudo e sempre o que ele fizer

Então, juntos, um tirará os espinhos do outro

Comerá do mesmo peixe, da mesma carne, dos mesmos frutos, será picado pelos mesmos insetos...

Quando da sede, depois de dias de caminhada sob e na floresta, não se desespere

Esse velho índio o levará para riachos, igarapés

E, se achares que não há mais retorno

Já com saudade do conforto

Deite-se sobre as folhas velhas que tapetam seus pés.

Suba na copa das árvores e veja a ancestralidade cósmica de indígenas devorando-lhe a pele, arrancando-lhe os ossos

Sinta o solo correr-lhe as espinhas até as profundezas de sua alma

Quando supuser, no extremo da dor e do desespero o fim da vida

Espante-se

Só então, nesse momento, o velho índio, vendo-o, morrerá em silêncio

Tornando-se planta, peixe, aves e restos

No auge de sua angústia, não enterre o velho índio que jaz, ali, perto de ti

Morto, ele estará contigo. Estará nas solas dos teus pés, no oceano salinizado e escondido em tuas lágrimas, estará em todo o teu entorno, sob, sobre e em ti.

Caminhe, sem medo

Agora, tudo será teu

A paz é tua. A paz é o que fizeste

Aquele velho índio, estirado no chão, tornou-se, sem deixardes de seres tu mesmo

Você

Caminhes, e agora crias teus próprios verbos e pronomes.

Quando eu era pequeno, todos os dias, o tormento de acordar, tomar banho, tomar café, vestir-me com a farda, composta por uma camiseta branca com botões e um short vermelho com listras brancas, calçar os sapatos, usar, a tiracolo, aquela sanduicheira de couro e fecho dourado. Somente quando chegava ao jardim, meio sonolento, o despertar: um anjo de mãos velhas e enrugadas esperava-me, com seus cabelos grisalhos e sorriso amarelado, para me dar néctar e ambrosia, tornando-me imortal.

Todos os dias, na hora do recreio, as primeiras lições de beleza, ao receber o prato e a colher de plástico azuis, das mãos da minha amante velha secreta. Naquele tempo, os primeiros aprendizados sobre o amor. Posso lembrar, até hoje, o sabor do arroz doce branquinho, com coco ralado, mexido com colher de pau.

O olho, gordo que nem ele só, não engordava só por mais um prato: queria aquele amor de anjo velho, que fazia aquele arroz doce tão branco. Já na sala de aula, depois de minhas primeiras aulas de amor na cozinha, as letras menos importavam. Tudo parecia ser um sonho, depois de amar aquele anjo de mãos macias e enrugadas, com seus segredos de encantamento.

Quando eu acordava

Queria pão com manteiga

Ao chegar da escola, almoço

Depois, no final da tarde, janta

Tudo era eu

A minha mãe

Esquecida no fogão

Tudo era eu e não sabia

.....

Acorda, acorda

Já não tem mais pão

Muito menos a manteiga

Meu pai contava muitas histórias de seres estranhos

Pequeno, eu só ouvia aqueles encantos

Naquele tempo

Olhada de pai tinha peso de palmatória

Se alguma criança abestada, na sua ânsia de histórias

Falasse quando um adulto falava

O desencontro de palavras

A palmatória de maçaranduba pendurada no olhar de meu pai

Maçaranduba é árvore pesada que só ela

Mesmo assim, não deixava de sonhar

Com aquelas histórias tão bonitas

3ª PARTE

ESTÉTICA DE
MATAMATÁ

*Queria ser tatu na infância
Cavar buracos e atravessar o mundo
Como num livro do Júlio Verne
Para chegar ao Japão
País de gente de olhos puxados
O tatu também tem olhos puxados
Os tatus, vivendo entre buracos
Minhocas, vermes e raízes
Mergulham no centro da vida
No subterrâneo das almas
Em ossuários sedimentados
Tatu é bicho sabido:
Só não é formado em psicanálise
Aprendi, quando criança, a língua dos sapos, rãs e pererecas
Eram minhas únicas conversas verdadeiras
Li a língua dos peixes e aprendi a olhar por suas lentes
Vivendo entre dois mundos
Comi terra, desesperado por novos sabores
Assim como devorei lodo do fundo de um lago
Chafurdei em chavascais
Como bodó ancestralizado
Neles, nos bichos todos, a descoberta de uma estética indígena
dilatada:
Eles, os bichos, eram Eu
eu, nos bichos, era eles
Nas reentrâncias de peles conjugadas*

ESTÉTICA DE MATAMATÁ

Minha mãe e minha família sempre diziam:

- *Menino, deixa de ser alesado*
- *Para de olhar para o céu*
- *Faz alguma coisa que preste*
- *Isso não leva a lugar nenhum*

Hoje, o céu impregna minha vida

Brinco com estrelas e invento de criar mundos

- *Mãe, ainda não deixei de ser lesado*

Abobado, (des) invento vidas

Nesse mundo branco paginado

Toco violino

Sei onde fica o centro do mundo

Fica dentro de uma coité

Converso com formigas

Carrego folhas com elas

Mãe, as formigas também precisam de arte

O peso de escrever dança com o vento

É arrasto de correnteza

É grito de árvores caídas

Eu quero, mãe, o silêncio e a resignação das lemas

A estética de matamatá

Que seja

SAMAUMEIRA

Samaumeira...
Já que não posso ter tuas raízes
Quero tua copa
Se mesmo a copa eu não puder ter
Quero tuas folhas verdes
Da copa retiradas
Contudo, mesmo se as folhas verdes não possuir
Espero tua casca, mesmo podre
E, se tudo de ti faltar-me
Espero tuas raízes
Para poder enterrá-las em mim
De dentro de mim, gestar outra samaumeira
Nascerei outro
Capaz de suportar os mais truculentos ventos
A mais torrencial chuva
Permanecendo, na minha grandeza, sereno

*Intacto, verei pássaros nos meus braços cantando
No alvorecer de outro dia
Estarei, afinal, perto dos trovões, relâmpagos e estrelas
Do cume da minha copa
Verei o sol rompendo o dia
Como, lá embaixo, as minhas raízes rasgando o solo
Um assarim caga na terra
Embuchando-a de cores
Silentes
As cores grávidas da terra empinam asas
Derreando o mundo
E uma criança senta-se na beirada da abóbada celeste
Como um deus bulindo com as coisas*

SOBRE O AUTOR



Cláudio Cândido, com pseudônimo de Kissinger Cândido de Barros, nasceu em 1974, no seringal Pernambuco, município de Ipixuna, Amazonas. É descendente de nordestinos, sendo a mãe cearense e o pai, maranhense. Ainda muito pequeno, residiu na cidade de Eirunepé, município amazonense situado na calha do rio Juruá, onde permaneceu até os 19 anos de idade. Ali trabalhou com seu pai como ajudante de protético; estudou as séries iniciais na Escola São Francisco, colégio de orientação católica e concluiu magistério na Escola Estadual Nossa Senhora das Dores. Posteriormente, com poucos recursos, mas grande coragem, iniciou o curso de teologia em Porto Velho, Rondônia. Por não se identificar com aqueles estudos, em menos de um ano viajou para Manaus. Seguindo a sede por liberdade, foi morar em outro município do Amazonas – Rio Preto da Eva –, permanecendo por um período em zona urbana, e outro numa área rural, no interior da floresta, cujo acesso era por via fluvial. Nessa localidade aprendeu “a diferença entre os homens e os meninos”, compreendendo que “quem corta é o braço; quem manda é o aço” (como escreve em um de seus poemas, o Tio João). Depois, retornando a Manaus, realizou trabalhos esporádicos como ajudante de pedreiro. Em 1996, foi admitido mediante concurso na esfera estadual, quando serviu na extinta Companhia de Saneamento do Amazonas, sendo posteriormente relotado para trabalhar no município de Pauini, na calha do Purus. Resolveu, então, pedir exoneração do cargo – por se sentir enganado –, e passou a prestar serviços de roçagem em fazendas e plantações de mandioca, carregando areia e madeira, abrindo picadas na mata. Embora mantivesse uma postura sempre discreta, ao comentar de maneira informal sobre sua formação em magistério, foi chamado para ministrar aulas nas escolas municipais Dona Ivanye Alberto de Aguiar Corrêa. Ao final da década de 1990 e início de 2000, mudou-se para São Paulo, capital, inserindo-se no mercado de trabalho como monitor pedagógico, no Programa de Alfabetização Solidária, atuando também como coordenador e instrutor em cursos de capacitação. Nessa época, por escolher viver um grande amor, mudou-se para o município mineiro de Extrema, onde trabalhou como artesão. Depois retornou para o município paulista, São Bernardo do Campo. Mais uma vez, indo residir em São Paulo, concluiu a graduação em psicologia, sendo convidado para trabalhar junto à Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/Sefras, tendo atuado por curto período de tempo na formação de lideranças que cuidam de pessoas acometidas pela DST/AIDS. Em parceria com Ricardo Mendes Mattos, publicou o primeiro livro, chamado Derivas Étlicas & Sacos Sarcásticos. Trabalhou ainda na União de Moradores do Heliópolis e São João Clímaco/Unas, em um serviço oferecido a crianças e adolescentes em conflito com a lei. Após os anos de vivência em São Paulo, voltou para Manaus, desta vez para acompanhar a mãe, que veio a óbito. Em sua história de intensa migração, além de morar no município amazonense Pauini, Cândido residiu em muitas cidades acreanas: Manoel Urbano, Porto Acre, nas Vilas do Ingra e do “V”, Cruzeiro do Sul, Senador Guiomar, Bujari, Feijó e em Rio Branco-AC. Atualmente, em 2018, vive em Eirunepé-AM, onde trabalha e coordena o CAPS I – Centro de Atendimento Psicossocial. Quando esteve em Rio Branco, Acre, recebeu parecer técnico-científico favorável para publicar dois livros de poesias, através da Editora da Universidade Federal do Acre: Estética de matamatá e Tolices Românticas.